



2

A Educação

enquanto instrumento de
emancipação e promotora
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



2

A Educação

enquanto instrumento de
emancipação e promotora
dos ideais humanos

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-853-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.530222801>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“A Educação enquanto instrumento de emancipação e promotora dos ideais humanos”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os professores e professoras pesquisadoras em seus diferentes espaços de trabalho.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e emancipação humana.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

E-EDUCAÇÃO: A PARTICIPAÇÃO ATIVA DA INTERNET COMO AMBIENTE PROMOTORA DE DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO FRENTE AOS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19

Mateus Catalani Pirani


Daniel Stipanich Nostre

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228011>

CAPÍTULO 2..... 9

GESTÕES ARBITRÁRIAS E FINANCIAMENTOS INSUFICIENTES: AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS COMO UMA RESPOSTA

Francisco Pinto de Azevedo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228012>

CAPÍTULO 3..... 20

O ACOLHIMENTO MULTIGERACIONAL EM PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIOS

Andréa Holz Pfützenteuter

Ana Carolina Ribeiro Albino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228013>


CAPÍTULO 4..... 27

AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM: ASPECTOS CONCEITUAIS, CARACTERÍSTICAS E CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO SUPERIOR

Wellita de Sousa Igreja

Denise Martins da Costa e Silva

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228014>


CAPÍTULO 5..... 38

ESTUDO E DESENVOLVIMENTO DE UM MODELO BIOPSISSOCIAL: ASPECTOS TEÓRICOS E PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO MULTIDISCIPLINAR

Jailson Oliveira da Silva

Allysson Macário de Araújo Caldas

Rafael Ramos Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228015>

CAPÍTULO 6..... 60


EDUCAÇÃO ON-LINE ENQUANTO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO NO PÓS-PANDEMIA

Fernanda Sanjuan de Souza

Genielli Franca da Silva

Kelly Cristina Brito de Jesus


Priscila Silva da Fonseca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228016>

CAPÍTULO 7..... 77

A EDUCAÇÃO DOS IMIGRANTES ALEMÃES E OS ENSINAMENTOS PEDAGÓGICOS DE CHARBONNEAU

Jefferson Fellipe Jahnke

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228017>

CAPÍTULO 8..... 85

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA ACADÊMICA INCLUSIVA PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UM PROTOCOLO POSSÍVEL

Rosemy da Silva Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228018>


CAPÍTULO 9..... 102

A IMPORTÂNCIA DO OLHAR ANTROPOLÓGICO E DA ETNOGRAFIA NO ESPAÇO ESCOLAR NO PROCESSO DE TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO

Amanda Gomes Pereira

Juliana Moraes Casto

Lucas Oliveira dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5302228019>

CAPÍTULO 10..... 112

GÊNERO E O MERCADO DE TRABALHO: O OLHAR DO ALUNO EGRESSO DO CURSO DE PEDAGOGIA

Emily Cabral dos Santos

Joseval dos Reis Miranda


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280110>

CAPÍTULO 11..... 142

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: CONCEPÇÃO DE PRÁTICAS DE ENSINO

Elaine Cristina Mateus Novacowski


Sandra Aparecida Cavallari.

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280111>

CAPÍTULO 12..... 153

CAMINHOS DA APRENDIZAGEM

Maria da Anunciação Almeida


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280112>

CAPÍTULO 13..... 176

NOVAS PROPOSTAS DE ATIVIDADES EM GRUPO ON-LINE PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Fernanda Celestino dos Santos Espanhol


Joceli Maria Zandonai Garbozza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280113>

CAPÍTULO 14..... 188

INTERCULTURALIDADE EM FREIRE: DIÁLOGO ENTRE OS PRINCÍPIOS FREIREANOS E AS PRÁTICAS INTERCULTURAIS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Camila Nunes Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280114>

CAPÍTULO 15..... 198

APLICAÇÃO DO MÉTODO SNOEZELEN EM UMA CRIANÇA COM TEA: UM ESTUDO TRANSVERSAL E EXPERIMENTAL

Cristiane Gonçalves Ribas


Haysa Camila Boguchevski

Francine Gavloski

Thayná Aquino Gonçalves

Thayná Carolina Sant'Ana Cantelli

Wellington Jose Gomes Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280115>


CAPÍTULO 16..... 208

EDUCAÇÃO EM VALORES SOCIOMORAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE REDES SOCIAIS E MORALIDADE

Vítor de Moraes Alves Evangelista

Rita Melissa Lepre

Aline Kadooka

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280116>


CAPÍTULO 17..... 220

OS (DES)CAMINHOS DA ADOÇÃO NO BRASIL: OS DIREITOS DA CRIANÇA E SUAS RESPECTIVAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO: UM RELATO DE CASO

Patrícia Panisa

Marco Antonio de Oliveira Branco

Isaac Vítório Correia Ferraz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280117>

CAPÍTULO 18..... 227

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO PROGRAMA “EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIREITO À DIVERSIDADE” COMO POLÍTICA PÚBLICA DE DESCENTRALIZAÇÃO

Marcella Suarez Di Santo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280118>






CAPÍTULO 19..... 238

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR A PARTIR DA PEDAGOGIA FREIREANA

Carlos Alberto Xavier Garcia

Simone Medeiros da Silva Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280119>

CAPÍTULO 20.....	243
EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE UBERLÂNDIA	
Stella Santana da Silva Jacinto	
Ronaldo Alves dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280120	
CAPÍTULO 21.....	251
GAMIFICAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUAS	
Rosemary Lapa de Oliveira	
Risonete Lima de Almeida	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280121	
CAPÍTULO 22.....	259
LETRAMENTO INFORMACIONAL: O QUE REPRESENTAM OS RISCOS NA INTERNET	
Josete Maria Zimmer	
Maria de Fátima Serra Rios	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280122	
CAPÍTULO 23.....	269
LUDICIDADE NA SALA DE AULA: SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM UTILIZANDO JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS	
Juscilene Andreia de Oliveira	
Gilmar Dias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280123	
CAPÍTULO 24.....	281
ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS DE INCENTIVO À LEITURA EM CRIANÇAS DE UM CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL	
Suelma Cláudia de Paiva Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.53022280124	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	297
ÍNDICE REMISSIVO.....	298

CAPÍTULO 2

GESTÕES ARBITRÁRIAS E FINANCIAMENTOS INSUFICIENTES: AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS COMO UMA RESPOSTA

Data de aceite: 10/01/2022

Francisco Pinto de Azevedo

<http://lattes.cnpq.br/8288618829426431>

RESUMO: Este artigo é resultado do desenvolvimento do trabalho apresentado no VI Seminário da ANPAE-RJ, com o título de “GESTÕES ARBITRÁRIAS E FINANCIAMENTOS INSUFICIENTES: AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS COMO UMA RESPOSTA”. Este artigo procura desenvolver os tópicos abordados no resumo expandido, de forma a detalhar o processo de ocupação, suas formas de atuação política e de organização. Nosso objetivo é pensar de que formas as ocupações de escolas responderam aos dois fatores enunciados no título: a gestão arbitrária - evidenciada em entrevistas feitas com os ocupantes - e o financiamento insuficiente - traduzido pela PEC 241 e Reforma do Ensino Médio. A partir dessas respostas, busco refletir sobre de que forma as mesmas evidenciam o que os secundaristas desejam como alternativas para o Ensino Médio atual, buscando contribuir com o debate sobre espaço escolar, juventude e Ensino Médio. Como objetivo secundário, pensar de que forma as ocupações brasileiras de 2016 mostram um progresso da juventude em relação à seu protagonismo político no campo educacional. Para tal, utilizo sete entrevistas feitas com ocupantes, levantamento bibliográfico, e minha empiria enquanto participante da ocupação.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupações de Escolas;

Juventude; Ensino Médio.

ABSTRACT: This article is the result of the development of the work presented at the VI ANPAE-RJ Seminar, entitled “ARBITRARY MANAGEMENT AND INSUFFICIENT FINANCING: THE OCCUPATIONS OF SCHOOLS AS AN ANSWER”. This article seeks to develop the topics covered in the expanded summary, in order to detail the occupation process, its forms of political action and organization. Our objective is to think in which ways the occupations of schools responded to the two factors mentioned in the title: arbitrary management - evidenced in interviews with occupants - and insufficient funding - evidenced by PEC 241 and High School Reform. From these answers, I seek to reflect on how they show what high school students want as alternatives for current High School, seeking to contribute to the debate on school space, youth and high school. As a secondary objective, think about how the Brazilian occupations in 2016 show a progress of youth in relation to their political protagonism in the educational field. For this purpose, I use seven interviews carried out with occupants, a bibliographic survey, and my empiria as a participant in the occupation.

KEYWORDS: School Occupations; Youth; Middle School.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do desenvolvimento do trabalho apresentado no VI Seminário da ANPAE-RJ, com o título de “GESTÕES ARBITRÁRIAS E FINANCIAMENTOS

INSUFICIENTES: AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS COMO UMA RESPOSTA”. Este artigo procura desenvolver os tópicos abordados no resumo expandido, de forma a detalhar o processo de ocupação, suas formas de atuação política e de organização.

Nosso objetivo é pensar de que formas as ocupações de escolas responderam aos dois fatores enunciados no título: a gestão arbitrária - evidenciada em entrevistas feitas com os ocupantes - e o financiamento insuficiente - traduzido pela PEC 241 e Reforma do Ensino Médio. A partir dessas respostas, busco refletir sobre de que forma as mesmas evidenciam o que os secundaristas desejam como alternativas para o Ensino Médio atual, buscando contribuir com o debate sobre espaço escolar, juventude e Ensino Médio. Como objetivo secundário, pensar de que forma as ocupações brasileiras de 2016 mostram um progresso da juventude em relação à seu protagonismo político no campo educacional.

As Ocupações de Escolas foram um movimento social protagonizado pela Juventude Secundarista, que ocorreu no segundo semestre de 2016. Suas principais motivações foram a oposição ao projeto de Reforma do Ensino Médio e à PEC 241/55, ambas medidas do Governo Temer. Em seu auge, o movimento de ocupações contabilizou mais de mil escolas ocupadas por todo o país. O recorte deste artigo é feito na ocupação do Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo II, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, conhecida como OcupEN. O recorte é o mesmo da minha pesquisa de mestrado, motivado por eu próprio ter sido um ocupante ativo dessa ocupação.

Minha participação no movimento aconteceu por conta de meu histórico enquanto integrante de movimentos sociais e estudioso sobre o movimento anarquista, além de ter sido a escola na qual me formei no Ensino Fundamental e Médio. Eu era, portanto, um ex-aluno, motivado pela vontade de ver como os conceitos que eu estudava na teoria podiam ser aplicados na prática, combinados com a vontade de fazer oposição às duas medidas governamentais citadas. A partir dessa iniciativa, tanto minha pesquisa de mestrado, quanto este artigo, ressaltam dois pontos: as formas de organização democráticas, propostas em oposição às gestões autoritárias, e a maneira como a escola foi alterada durante a ocupação, revelando potências e anseios da juventude secundarista.

A ocupação durou oitenta e cinco dias, se iniciando em 9 de setembro de 2016, e terminando em 2 de dezembro de 2016. Sua organização foi baseada em cinco comissões: cozinha, limpeza, comunicação, eventos e segurança. Contava com aproximadamente vinte ocupantes durante a maior parte do tempo, havendo variação a partir da necessidade de trabalho ou de disponibilidade dos alunos. Diariamente eram feitas plenárias no refeitório da escola, onde se discutia o cotidiano, o panorama político, e os pontos fortes e fracos da ocupação. Todos os alunos podiam participar dessas plenárias, dando opiniões e tendo direito ao voto, caso alguma decisão precisasse ser tomada. As decisões finais, portanto, eram definidas por meio do voto da maioria, diferentemente de outras ocupações, onde era utilizado o consenso.

A ocupação do Colégio Pedro II - Campus Engenho II promoveu muitas atividades

culturais, feitas por meio de eventos abertos à visitantes, simpatizantes, alunos, pais de alunos, e moradores do bairro do Engenho Novo. Esses eventos tratavam de temas relevantes para aquela juventude, como raça, gênero, sexualidade e classe. Resumidamente, temas relacionados com o debate atual sobre diversidade e desigualdade na sociedade. O principal objetivo desses eventos era levantar essa discussão no espaço da escola, visto que, para os ocupantes, a discussão que existia na escola tradicional não era suficiente. Também buscavam levantar essa discussão para a comunidade no entorno, visto que entendiam que as discussões feitas na escola deveriam ir para além de seus muros - nesse momento, podemos ver uma aproximação possível com a proposta de escola de Freire (1996). Esses eventos também tinham como objetivo a arrecadação de alimentos e dinheiro, fundamentais para a manutenção da ocupação. Como a escola estava sendo gerida por alunos, eram os mesmos que faziam a manutenção do espaço e cozinhavam as refeições.

Esses dois pontos - a organização democrática e a promoção de eventos - vão atravessar todo este artigo, visto que foram as principais formas de responder a gestões autoritárias e a financiamentos insuficientes.

METODOLOGIA

A metodologia é semelhante à usada em minha pesquisa de Mestrado sobre a ocupação do Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo II (AZEVEDO, 2021). A principal ferramenta metodológica utilizada foram sete entrevistas feitas com ocupantes, aproximadamente três anos após as ocupações. Utilizaremos, principalmente, as respostas que tratam sobre a relação com a direção do Campus, e com os motivos pelos quais a ocupação aconteceu. Além dessas entrevistas, também uso meu empirismo enquanto ocupante. Esse empirismo auxilia em analisar determinados pontos da ocupação, que poderiam estar fora do radar de pesquisadores que não participaram do movimento de forma ativa. A forma da ocupação tomar suas decisões e a relação desse fator com o autoritarismo criticado, por exemplo, é um dos resultados da minha pesquisa que não seriam tão fáceis de se observar, caso não participasse das plenárias. A importância dada pelos ocupantes aos eventos promovidos, e os resultados práticos da promoção desses eventos para a ocupação, também configura um ponto possível de observação devido à minha participação. Por último, a participação orgânica na ressignificação dos espaços da escola também só foi possível devido ao cotidiano vivido dentro do movimento.

As entrevistas em si também foram construídas a partir de questionamentos que fiz durante minha experiência, e que outros ocupantes também fizeram, segundo as conversas informais que aconteciam durante o movimento. O planejamento das entrevistas, portanto, também surge de minha impressão enquanto ocupante, e não necessariamente de uma pergunta prévia feita às ocupações. Por fim, acredito que a exemplificação de alguns

pontos pelos ocupantes entrevistados, foi facilitada pelo fato de saber sobre o que estavam falando, visto que vivi a maior parte daquelas experiências relatadas.

Outra ferramenta metodológica importante foi o levantamento bibliográfico sobre os principais temas abordados: a história do movimento secundarista, o protagonismo da juventude nos movimentos sociais, a história da privatização da educação, e estudos sobre as ocupações de 2016 no geral.

A partir dessas ferramentas - entrevistas, empiria, e levantamento bibliográfico -, busco construir um artigo que alcançasse os objetivos colocados na introdução.

O FINANCIAMENTO INSUFICIENTE E AS PROPOSTAS DE REFORMA DO ENSINO MÉDIO

O financiamento da educação pública no Brasil é pauta de movimentos sociais há muitas décadas. Passando por altos e baixos ao longo de sua história, podemos dizer que, a partir do Impeachment da Presidente Dilma, em 2016, o processo de sucateamento da educação pública se acentuou, visto duas medidas governamentais promovidas pelo Governo Temer: a PEC 241/55 e a Reforma do Ensino Médio. A PEC, conhecida como PEC dos gastos, seria fundamental para o regulamento dos gastos do país, em um projeto de regulação dos gastos públicos, sendo essa a narrativa oficial do Governo e seus apoiadores

Essas duas medidas podem ser entendidas como parte do sucateamento da educação por motivos simples: a PEC limita os investimentos em Educação - e em outros setores - por vinte anos, e a Reforma do Ensino Médio tira a obrigatoriedade de diversas disciplinas, oferecendo uma formação mais empobrecida para o estudante de Escola Pública. Esse sucateamento da educação pública, por sua vez, vem acompanhado de um projeto paralelo: a privatização da mesma. Segundo Germano (1993), o processo de privatização da educação, e conseqüentemente de desmonte do público, começa na Ditadura Civil-Militar (1964-198). As duas medidas do Governo Temer podem ser entendidas como uma continuidade desse processo, visto que amplia a diferença entre o Ensino Médio público e o privado, aumentando a demanda para o Ensino Médio e Pré-Vestibulares pagos, e conseqüentemente excluindo do Ensino Superior aqueles que não podem arcar com esses custos.

As ocupações de escolas foram parte desse movimento pela educação, e fizeram oposição a essas duas medidas em específico. A narrativa dos ocupantes era bem clara: o presidente Temer havia chegado ao poder de forma inconstitucional, após um processo de Impeachment legalmente ilegítimo.

Segundo a narrativa dos ocupantes, a PEC 241/55 era parte do processo de privatização da Educação Pública, cortando investimento para que fossem necessárias as parcerias público-privadas, e conseqüentemente a inserção dos valores de mercado na Educação. Sobre a Reforma do Ensino Médio, os ocupantes entendiam que a mesma havia sido feita sem nenhum diálogo com o corpo escolar - diretores, alunos, professores,

pesquisadores -, tendo existido diálogo apenas com os grandes nomes da Educação privada. Além disso, também argumentavam que a existência dos Itinerários Formativos - que tiravam a obrigatoriedade de diversas disciplinas - levavam estudantes à precisar pagar por pré-vestibulares privados, visto que a formação no Ensino Médio público não seria suficiente para a entrada no Ensino Superior pelo Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM).

O impeachment da presidente Dilma, portanto, teria sido concretizado para a aprovação de medidas como essas, além da Reforma Trabalhista e outras ações caracterizadas como neoliberais.

As ocupações de 2016 não foram as primeiras do país. Outras ocupações de escolas já haviam acontecido pelo Brasil: as ocupações de São Paulo, em 2015, contra a reorganização escolar (CAPAI, 2019), e as ocupações do Rio de Janeiro, contra o corte de verbas na educação em detrimento do financiamento das olimpíadas, e em apoio à greve docente, e as ocupações de Goiás (MASCARENHAS, 2017), contrárias à gestão militar da educação pública e da inserção dos valores de mercado na mesma.

Como podemos ver, esses quatro movimentos - em São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, e nas ocupações nacionais - lutavam por motivos semelhantes: à renúncia dos valores de mercado na educação pública, a gestão democrática da escola com a participação dos alunos, e o maior financiamento da educação pública. Essas ocupações também tinham características políticas semelhantes: se afastaram do espectro político partidário, buscando novas formas de participação política (SOUTO, 2016), podem ser interpretadas como reverberações das Jornadas de Junho de 2013 (REBUÁ, 2017), possuem muito apreço a pauta da diversidade em sua organização, prezam por um caráter democrático e horizontal em suas tomadas de decisão (MESQUITA, 2003) e, por fim, ter forte caráter cultural em sua atuação, evidenciado na prática pela pesquisa de Marafon (2017).

As ocupações paulistas foram as primeiras do Brasil, sendo feitas em 2015. Se inspiraram na Revolta dos Pinguins, movimento estudantil chileno, que também ocupou suas escolas. Podemos fazer um paralelo interessante sobre a Revolta dos Pinguins e as Ocupações Nacionais de 2016 a partir do artigo de Zibas (2006), se pensarmos nas reformas as quais os dois movimentos se opunham.

Podemos ver diversos fatores similares na gestão dos dois países, tais como um sistema único de avaliação para todas as escolas do país; o financiamento públicos de instituições privadas; o processo de inserção de valores de mercado para a gestão das escolas; e uma parte ínfima do PIB destinada à educação pública. Além desses fatores, no Chile também se dá uma educação pior aos estudantes advindos de famílias pobres, fenômeno causado direta ou indiretamente por ações do governo: uma característica fundamental na educação do país era o mesmo investimento estatal entre escolas com e sem financiamento privado, sem levar em consideração que a educação daqueles de classe baixa necessitam de mais recursos, além de não ter o investimento destinados às

escolas de classe média e alta. As escolas, portanto, tinham evidente divisão de classe, tal como no Brasil.

A GESTÃO ARBITRÁRIA

A gestão das escolas foi uma pauta importante para a ocupação pesquisada. Tal como o financiamento insuficiente, essa também foi uma pauta que atravessou a maior parte das ocupações de escolas que já ocorreram no Brasil. Nas ocupações paulistas, o principal ponto combatido era o apoio das direções à reorganização escolar proposta pelo Governador, além da falta de apoio dado às próprias ocupações. Nas ocupações do Rio de Janeiro, uma das principais pautas da ocupação - que também já existia há anos - era a eleição direta para direção de escola, que foi conquistada após o fim do movimento.

Para além dessas questões específicas, existe no Ensino Médio atual um consenso sobre a baixa participação política dos alunos na gestão escolar. Os alunos não participam da decisão sobre uso do espaço físico da escola, tem baixa ou nenhuma participação nos conselhos de classe, e mais baixo ainda na escolha sobre o currículo implementado ou modelos de aula. As ocupações também aconteceram para questionar esse modelo de escola engessado, tradicional, com baixa participação estudantil.

Existiam dois pontos principais em relação à gestão da escola, evidenciados nas entrevistas: o primeiro era o pouco diálogo com os estudantes, que gerava uma baixa autonomia em relação à participação e atuação dos mesmos dentro da escola, onde os pedidos ou sugestões dos alunos não eram levados em consideração. Também havia pouca autonomia dos alunos em relação à participação política, como por exemplo não serem autorizados a ter um espaço para o grêmio escolar, ou ser exigido uma burocracia desnecessária para a colagem de cartazes pelo Campus. O segundo era o comprometimento da direção em relação à aplicação das pautas de diversidade no plano político-pedagógico da escola, entendido pelos ocupantes como insuficiente.

Houve, após o fim da ocupação, algumas vitórias em relação a esses temas, relatados por um ocupante que permaneceu na escola, visto que ainda estava no segundo ano do Ensino Médio. Importante citar que a gestão citada nas entrevistas teve seu fim de mandato junto com o fim das ocupações, de modo que a gestão que promoveu essas mudanças não era a mesma. De qualquer forma, ainda assim são vitórias importantes, visto que a diretora que assumiu - e está na gestão até o momento - foi uma grande apoiadora do movimento. Foi criada uma comissão permanente de diálogo entre direção e alunos, para ouvir as sugestões dos mesmos para o Campus. Foi criada uma comissão permanente para discutir casos de discriminação, como racismo, machismo, lgbtfobia ou intolerância religiosa. Foi contratado um nutricionista, para proporcionar cardápios veganos e vegetarianos no refeitório da escola. Foi implantado o primeiro curso de Libras na escola, e foi definitivamente proibido fumar nas dependências da escola, visto que era hábito de

alguns profissionais.

A insatisfação dos secundaristas com os pontos elencados nos ajuda a contribuir com o debate sobre a participação política da Juventude Brasileira. A relevância dada pelos mesmos à baixa participação na gestão escolar e ao baixo conteúdo dado sobre diversidade traduz uma juventude que reivindica relações de poder menos hierárquicas, maior participação política da mesma, e maior relevância à diversidade social. Novaes (2011) nos mostra como isso é resultado de acúmulo de participação política da juventude, processo que acontece há décadas. Souto (2016), por sua vez, trabalha como a Juventude busca por uma maior participação política, porém evita a política partidária. A maior participação nas instituições em que estão inseridos, como por exemplo a escola, reforça essa vontade por participação para além do ambiente partidário. Por fim, Mesquita (2003) mostra como a necessidade de se trabalhar a diversidade é pauta importante para a Juventude, que se entende cada vez mais enquanto múltipla e diversa. Minha dissertação de Mestrado (AZEVEDO, 2021) mostra como as ocupações funcionaram dessa forma em relação à identidade secundarista: ao mesmo tempo que essa identidade estava em baixa, devido à diversidade da juventude, que não cabia mais na identificação enquanto secundarista, as ocupações resgatam essa identidade estudantil, sem abrir mão de sua diversidade e desigualdade entre os mesmos.

A OCUPAÇÃO ENQUANTO RESPOSTA

A forma como a ocupação respondeu aos dois fatores enunciados no título é o tema deste tópico. Foram três formas principais: a tomada de decisões de forma horizontal, o uso do espaço da escola de forma autônoma, e a promoção de eventos culturais para moradores do bairro do Engenho Novo e simpatizantes.

As duas primeiras formas - o uso de espaços de forma orgânica e a tomada de decisões de forma democrática - podem ser entendidas como uma resposta à gestão arbitrária da Unidade, e da baixa participação dos secundaristas na gestão escolar de forma geral. O uso de espaços de forma autônoma ficou evidenciado durante toda a ocupação, e foi mais presente em quatro espaços específicos: A sala dos professores, que se tornou “sala dos ocupantes”; O refeitório, que se tornou o espaço das plenárias e do preparo/estoque dos alimentos; As salas de aula, que se tornaram dormitórios; E o pátio, que passou a ser utilizado para a execução dos eventos promovidos pela ocupação.

O uso da sala dos professores foi de grande simbolismo, devido à mística entre os alunos sobre esse espaço, reservado aos professores. O nome do espaço foi trocado para sala dos ocupantes, e se tornou, majoritariamente, uma sala de cinema e espaço para organização dos eventos culturais que eram promovidos pela ocupação.

Excluindo a sala dos professores, o refeitório era o espaço mais controlado em relação ao acesso e uso - entravam apenas para fazer suas refeições. A maior parte do

espaço, composta por cozinha, estoque, geladeiras e um banheiro interno, era reservado aos funcionários da escola. O único espaço utilizado pelos alunos era o das mesas, sendo esse uso com tempo, função e disposição espacial predeterminada pela direção. Como a alimentação e o estoque de alimentos era parte fundamental da manutenção da ocupação, esses espaços tiveram de ser ocupados com essa função. Também era no refeitório que eram feitas as plenárias diárias, tão comentadas pelos ocupantes como fator relevante para o bom funcionamento da ocupação.

As salas de aula, por sua vez, se tornaram os dormitórios da ocupação. Durante a primeira semana, foram usadas diversas salas, devido à grande quantidade de ocupantes. Ao longo do tempo, passamos a usar quatro salas, divididas entre aqueles que queriam ou não dormir com ar condicionado, e ainda sobrando salas para os ocupantes que preferiam dormir sozinhos.

O pátio, espaço da escola que, segundo Frago e Escolano (2001), tem como função separar o prédio com salas de aula do espaço urbano, foi adaptado para o inverso de sua função original: era o espaço onde o entorno urbano e simpatizantes foram integrados ao espaço escolar. As atividades eram feitas no pátio porque tinham como objetivo serem vistas pelo entorno, agir como referência cultural do bairro do Engenho Novo e expandir o alcance da escola para além de seus muros. Também ocorreram muitas mudanças físicas, com presença de faixas e cartazes com palavras políticas, artes feitas pelos ocupantes e convidados e apresentações musicais.

O uso desses espaços de novas formas por parte dos ocupantes, mostra como os mesmos podem ser alterados e ressignificados. Essas alterações, por sua vez, nos trazem pistas sobre a forma do espaço escolar se aproximar do que desejam seus alunos, além dos aprendizados sobre coletividade obtidos nos mesmos.

As tomadas de decisão de forma horizontal, por sua vez, também foram um ponto muito relevante do movimento, e evidenciado pela maior parte dos ocupantes enquanto um dos motivos da ocupação ter durado tanto. Essas tomadas de decisão eram feitas em plenárias diárias feitas no refeitório da escola, onde se discutia o dia da ocupação, se pensavam eventos promovidos e se discutiam pontos a serem melhorados pelo movimento.

Dentro dessas plenárias, pode-se observar uma característica muito interessante dos movimentos sociais atuais de juventude: a importância da diversidade. Brenner (2015), em sua pesquisa sobre esses movimentos, nos mostra o quanto essa diversidade é importante para a democraticidade dos mesmo:

As novas formas de engajamento e mobilização, que se dirigem a interesses mais específicos e pontuais, estariam ligadas à emergência de uma nova concepção de democracia, na qual os indivíduos usam todos os meios disponíveis para obter reconhecimento de novos direitos, reforçar os já existentes e lutar por respeito social. (BRENNER, 2015. P. 5)

Bell Hooks (2013), autora afro-americana amplamente conhecida nos movimentos

sociais, também ressalta essa maior relevância às vozes marginalizadas como plenamente importante para qualquer movimento social que busque por maior equidade entre seus integrantes. Essa maior escuta, segundo a autora, deve ser feita de forma a se questionar privilégios e comportamentos, e foi nesse sentido que aconteceu durante a ocupação.

O que a ocupação fazia durante essas plenárias, portanto, exemplifica essa valorização da diversidade: normalmente, se dava mais prioridade à escuta de mulheres e de pessoas pretas, recortes sociais entendidas naquele momento enquanto minorias sociais. Essa importância dada à diversidade dos alunos serviu como resposta à crítica dos ocupantes em relação à baixa presença desse tema no plano político pedagógico da escola - um dos pontos evidenciados nas entrevistas.

Outro momento em que a diversidade da sociedade foi tratada, foi nos eventos culturais promovidos pela ocupação. Esses eventos são a terceira forma de resposta listadas no início do tópico. Esse tópico pode ser entendido como uma resposta ao financiamento insuficiente, visto que justificou, à sua maneira, o investimento na educação pública.

Uma das principais discussões que atravessava o movimento de ocupações em relação à PEC 241 era relativo à interpretação das verbas com a educação. O governo justificava a mesma com a narrativa de cortar gastos. A ocupação, por sua vez, argumentava que a educação não deveria ser entendida como um gasto, mas sim como um investimento. Para provar a necessidade desse investimento, e o retorno social advindo do mesmo, a ocupação promovia eventos abertos, onde se debatiam questões julgadas necessárias pelos ocupantes, normalmente ligados à desigualdade, diversidade, e outros temas sociais relevantes no momento.

Os temas tratados eram diversos: raça, gênero, classe, cultura, importância da educação pública, entre outros. Esses eventos também eram a forma da ocupação angariar doações para sua manutenção, e eram divulgados pelas redes sociais da mesma. Segundo as entrevistas feitas, a quantidade e sucesso desses eventos, e relevância das redes sociais da ocupação eram duas das principais formas de medir o quanto a ocupação estava tendo sucesso em seu propósito.

CONCLUSÕES

A partir dos pontos discutidos, podemos chegar a algumas conclusões sobre as ocupações de escolas, se vistas do ponto de vista de resposta a financiamentos insuficientes e gestões arbitrárias. A primeira delas é que a luta contra o financiamento insuficiente, normalmente combatida por professores ou intelectuais, está cada vez mais presente na esfera secundarista. O crescimento do movimento estudantil, ciclo que podemos ver na obra de Araújo (2007), traduz como a identidade secundarista esteve junto com a identidade da Juventude no Brasil, e como esse desenvolvimento envolveu o jovem estudante na discussão sobre educação, gestão e financiamento, além da atual discussão

sobre diversidade.

Essa maior participação da Juventude trouxe questionamentos ao espaço escolar que não haviam sido visto antes das ocupações de escolas. Nenhum movimento havia tido esse protagonismo secundarista e alteração do espaço da escola de forma tão intensa. Dessa forma, a partir da pesquisa de Pinheiro, Azevedo e Franco (2021), podemos pensar quais pistas para o novo Ensino Médio podemos tirar da experiência das ocupações.

A potência do espaço escolar também fica em evidência, a partir desse estudo. Todos os ocupantes entrevistados apontam que aprenderam coisas novas com a experiência de ocupar, e podemos creditar esses novos conhecimentos às formas como os mesmos interagiram na escola ocupada. O uso dos espaços da escola da forma como foram, e a necessidade de se organizar de forma autogestionada abriu espaço para novas experiências dentro da escola, que convergiram nesses novos conhecimentos dentro do espaço escolar.

Essa potência, descoberta durante a ocupação, nos mostra o quanto a escola tradicional está deixando de ganhar com a baixa participação dos alunos em sua gestão. O trabalho de Prado e Ferro (2021) nos traz o dado da participação na gestão do espaço ser profundamente relevante para a sensação de pertencimento do aluno em relação à escola, e foi efeito comprovado durante o processo de ocupação. Muitos problemas do Ensino Médio, como depredação do espaço e abandono escolar, poderiam ser resolvidos caso a participação dos alunos na gestão fosse maior, e as ocupações nos mostram grandes pistas de como isso pode ser alcançado.

Por fim, acredito que pensar as ocupações de escolas não enquanto modelo escolar, mas sim enquanto manifestações da Juventude secundarista, pode acrescentar em muito com o debate atual sobre Ensino Médio. Aprender com os estudantes é fundamental para qualquer professor ou diretor que deseje ter seu trabalho engrandecido e valorizado pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula. **Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho. 2007. 305 p.

AZEVEDO, Francisco. **A ocupação do Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo II: um debate sobre os movimentos sociais e o Ensino Médio**. UNIRIO - Rio de Janeiro. 2021.

BRENNER, Ana Karina. **Permanências e deslocamentos de jovens militantes de partidos políticos**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. TOMO N. 27 JUL/DEZ. | 2015

Espero tua (re)volta. Direção de Elisa Capai. São Paulo, 2019. 93 min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 17ª Edição. São Paulo: Paz e Terra. 1996. 165 p.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A. 2001. 152 p.

GERMANO, J.W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. SP: Editora da Unicamp: Cortez, 1993.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipola. Editora WMF Martins Fontes - São Paulo. 2013. 283 p.

MARAFON, Giovanna. **Recusa à Judicialização e ao Projeto de Lei “Escola Sem Partido”:** **Análises a Partir das Ocupações Estudantis**. SISYPHUS, JOURNAL OF EDUCATION. VOLUME 5, ISSUE 01, 2017, PP. 9-30.

MASCARENHAS, Angela Cristina Belém, et al. **Ocupação, resistência e a luta pela escola pública**. Cadernos de Pesquisa em Educação - PPGE/UFES Vitória, ES. a. 14, v. 19, n. 46, p. 48-67, jul./dez. 2017

MESQUITA, M. R. **Juventude e movimento estudantil: discutindo as práticas militantes**. Psicologia Política, 3(5), 89-120. 2003.

NOVAES, Regina. **Os direitos da juventude do panorama das políticas públicas no Brasil: Conquistas e controvérsias**. Secretaria da Juventude/Unesco, 2011.

PINHEIRO, Diógenes; AZEVEDO, Francisco; FRANCO, Jair. **Ecos das ocupações de escolas no debate sobre a Reforma do Ensino Médio**. In Reforma do ensino médio: contexto, controvérsias e cenários / organização Diógenes Pinheiro ... [et al.]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROExc, 2020. E-book

PRADO, Ana Cristina; FERRO, Juliana. **Do Ensino Fundamental ao Ensino Médio: transição ou sobrevivência?** In Reforma do ensino médio: contexto, controvérsias e cenários/organização Diógenes Pinheiro ... [et al.]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO :Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROExc, 2020. E-book

REBUÁ, Eduardo. **Exceções e veredas: as ocupações como acontecimento e experiência no Brasil do nosso tempo**. Educação | Santa Maria | v. 42 | n. 3 | p.751-764 | set./dez. 2017

SOUTO, Anna. Juventude e Participação. In: **Agenda Juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças**. Org: Diógenes Pinheiro (et al.). Rio de Janeiro. UNIRIO. 2016. 185p.

ZIBAS, Dagmar. **A revolta dos pinguins e o novo pacto educacional chileno**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 38, p. 199-220, maio/ago. 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoção 179, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 265

Altas habilidades/superdotação 176, 177, 181, 187, 228, 229, 233

Aprendizagem 4, 5, 6, 7, 8, 21, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 51, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 86, 90, 94, 95, 98, 101, 102, 106, 108, 111, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 186, 187, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 197, 210, 217, 218, 230, 232, 233, 234, 243, 244, 245, 246, 247, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 266, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 292, 293

Aprendizagem ativas 251

Atividades em grupo on-line 176, 179, 180, 181

Autoestima 20, 21, 50, 51, 52, 156

Autorregulação 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37

B

Brincadeiras 114, 117, 269, 270, 271, 276, 278, 279, 292

Brinquedos 114, 119, 150, 269, 270, 276, 277, 279

C

Charbonneau 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84

Covid-19 1, 44, 60, 61, 65, 74, 177, 186, 187

D

Deficiência visual 85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 101

Desafios 5, 24, 26, 63, 71, 72, 73, 85, 86, 101, 105, 109, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 151, 153, 158, 159, 173, 186, 197, 215, 217, 229, 236, 241, 245, 254, 255, 256, 260, 267, 273

Descentralização 3, 212, 227, 230

Dificuldades de aprendizagem 57, 67, 74, 145, 148, 269, 270, 280

Direitos humanos 1, 2, 3, 6, 7, 8, 103, 104, 110, 220, 222, 224, 230, 232, 268

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 17, 19, 21, 29, 33, 36, 37, 42, 44, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 95, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131,

132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 151, 153, 154, 155, 158, 159, 161, 166, 170, 173, 174, 177, 178, 179, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 252, 254, 257, 258, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 291, 293, 294, 295, 296, 297

Educação de imigrantes 77

Educação em valores sociomoraes 208, 211, 215, 216, 218

Educação especial 86, 90, 92, 99, 129, 131, 132, 142, 143, 151, 179, 187, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237

Educação geográfica acadêmica 85, 86

Educação inclusiva 85, 86, 91, 93, 98, 101, 142, 143, 145, 147, 151, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236

Educação infantil 112, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 137, 139, 140, 141, 269, 270, 272, 274, 275, 276, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 291, 293, 294, 295, 296

Educação libertadora 139, 188, 190, 193, 196

Educação on-line 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 73

Enfrentamentos 125, 129, 142

Ensino-aprendizagem 32, 38, 39, 40, 41, 42, 57, 102, 106, 108, 142, 193, 279

Ensino de línguas 188, 189, 191, 193, 196, 197, 251

Ensino de Sociologia 102, 106

Ensino remoto 1, 8, 61, 64, 72, 76, 177, 178, 179, 185, 186

Ensino superior 2, 4, 7, 12, 13, 20, 21, 22, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 93, 101, 102, 107, 113, 134, 297

Escola Paranaense 77

Estágio supervisionado 102, 105, 109

Estimulação 25, 97, 148, 151, 198, 201, 205, 206, 207

Estudantes 4, 6, 13, 14, 18, 20, 21, 23, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 47, 52, 53, 54, 61, 64, 65, 67, 70, 71, 72, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 115, 145, 149, 153, 155, 163, 164, 167, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 249, 253, 254, 255, 256

Etnografia escolar 102

F

Fisioterapia 198, 199, 201, 205, 207

Formação 5, 6, 7, 12, 13, 61, 67, 68, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 90, 93, 94, 98, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 122, 123, 134, 135, 136, 139, 142, 143, 147, 148,

150, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 173, 179, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 199, 209, 211, 215, 224, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 255, 257, 259, 261, 264, 265, 268, 269, 292, 294, 295, 296, 297

Formação de professores 110, 111, 191, 196, 197, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 235, 259, 297

G

Gamificação 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

Gramática 192, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258

H

História da educação 77, 79, 80, 83, 84, 119, 190

Homens na Pedagogia 112, 125

I

Idosos 2, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 108, 118, 254

Inclusão 4, 8, 29, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 99, 100, 101, 104, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 192, 202, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 248, 265

Infância 57, 61, 74, 104, 113, 123, 157, 211, 217, 220, 223, 280, 283, 286, 296

Interculturalidade 188, 189, 192, 193, 196

Intergeracional 20, 24

J

Jogos 65, 114, 150, 159, 167, 180, 182, 185, 186, 212, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 263, 264, 265, 266, 267, 269, 270, 272, 276, 279, 280, 296

Jogos eletrônicos 252

L

Letramento digital 73, 259, 268

Letramento informacional 259, 261, 262, 265, 266, 267

M

Materiais concretos 149, 243, 246, 249

Mercado de trabalho 22, 110, 112, 114, 115, 122, 126, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 158

P

Pedagogia freireana 188, 196, 238, 241

Pedagogo 79, 112, 114, 122, 127, 128, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 141, 191, 269

Planejamento didático-pedagógico 60

Políticas públicas 19, 40, 56, 89, 138, 143, 151, 220, 223, 224, 227, 228, 229, 230, 233, 235, 236, 283, 284

Práticas de ensino 60, 63, 142, 144, 232

Prevenção de riscos 215, 259

Q

Qualidade de vida 21, 38, 40, 41, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 201

R

Recurso didático tátil 85, 95

Redes sociais 17, 23, 70, 208, 209, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 234, 265, 266, 268

Reflexões freireanas 238

Relações de gênero 112, 115, 118, 126, 134, 135, 137, 140, 141

Relações interpessoais 39, 43, 51, 65, 176, 180, 186, 213, 215

Resolução de problemas 156, 173, 243, 245, 248, 250

S

Saúde escolar 38

Situação-problema 243, 245

Sociedade da informação 1, 2, 3, 7, 8, 268

T

TEA 95, 179, 198, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 229

Tecnologias da informação e comunicação 1, 4, 8

Teoria 10, 22, 37, 58, 67, 95, 140, 211, 212, 213, 218, 238, 239, 242, 244, 245, 246, 247, 250, 253, 267, 270, 289, 296

W


Web 208, 209, 259, 260, 265





2

A Educação

enquanto instrumento de
emancipação e promotora
dos ideais humanos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 




2

A Educação

enquanto instrumento de
emancipação e promotora
dos ideais humanos

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 